A solidão que espantou os gênios

BRASILIA VOLTA AO DIVÃ: UMA CIDADE PARA SE TOMAR PORRE E JOGAR BARALHO?

Brasília está novamente no divã para que se analise um dos seus problemas crônicos ou pelo menos um dos seus mitos crônicos: a solidão. O que a solidão de Brasília tem que a solidão das outras cidades não tem? Qual é a marca registrada da solidão brasileira? Tarefa difícil esta: traçar um perfil coerente de um dos aspectos da psique do *homo brasiliensis*; este fantasma real. Uns acham que Brasília é uma cidade feita por gênios e para gênios tão geniais que nenhum dos gênios que a criou aguentou morar aqui; outros arriscam a observação de que Brasília é uma cidade de relações superformalizadas que induz ao auto-insulamento e onde os bares são uma espécie de extensão da repartição pública; outros ainda entendem que Brasília é uma cidade comum como qualquer outra, onde a solidão é a mesma de qualquer grande centro urbano - incomum sendo apenas fenômenos "extraterrenos" verificados ultimamente, tais como a revoada de cruzeiros para o exterior metamorfoseados em dólares. Quer dizer, o diagnóstico da solidão de Brasília é complicado senão impossível, como um processo piscanalítico ou como o próprio processo da vida. Mesmo assim, os que vivem e sentem a cidade se arriscam a dar alguns toques aleatórios e impressões pessoais.

O médico pediatra Paulo Cunha - que trabalha com adolescentes e mantém uma coluna sobre "vivência" no Jornal "José" - observa através de conversas cotidianas com os habitantes de Brasília que o "chic" ou o "in" é não gostar da cidade, não manter nenhuma relação de identificação, fugir (literalmente) nos fins de semana. Este comportamento típico do escalão de altos funcionários (diplomatas, assessores de ministérios etc.) atuaria como uma espécie de padrão para a classe média brasiliense do Plano Piloto:

— Ministro e diplomata são quase que o "top-set" de Brasília. Então as pessoas se isolam e não querem nada com a cidade. Isto faz com que Brasília seja boa para fazer negócio, política, contatos, mas não para se viver. Os hotéis de Brasília só têm freqüência de segunda a quinta-feira. Isto não acontece em nenhum lugar do mundo.

Segundo Paulo Cunha, outro capítulo da solidão brasiliense tem a ver diretamente com a questão urbana da cidade: o projeto urbanístico não conseguiu atingir os seus objetivos: as pessoas não se encontram nas quadras, toda vida se passa dentro do apartamento:

— É uma vida interior. Em São Paulo você sai às oito da manhã e volta somente às dez da noite. Em Brasília, o cara volta para o almoço, chega rápido em casa depois do serviço. Isto tudo leva a um contato cotidiano muito maior com os problemas - os pequenos problemas da casa, provocando um desgaste maior e uma conseqüente desagregação familiar. Eu acho que Brasília oferece opções de lazer, mas as pessoas não usam. Criou-se também uma espécie de preconceito contra a vida calma.

Paulo Cunha divide as classes sociais de Brasília em duas categorias informais: os "enforcantes" e os "enforcados" - os que

podem sair nos fins de semana e os que são obrigados a permanecer em Brasília:

— As pessoas se referem a Brasília sempre com padrões de outras cidades. E o que observo nas conversas cotidianas. As pessoas falam muito da casa, da mulher, dos filhos; não têm uma vida extensiva, ligada à cidade. Todo mundo passa as férias fora de Brasília.

Outro fator/hipótese agravante no fenômeno solidão: a vizinhança com o poder que cria uma situação paradoxal de convivência e impossibilidade de participação:

— O office-boy que passa o dia inteiro servindo café para o ministro e convivendo com pessoas poderosas, vai à noite para a Ceilândia. Isto deve criar uma situação existencial singular. Brasília é o espaço das grandes decisões políticas enquanto a população não decide nada. Então a acomodação é geral, nada incita ao agregar-se. Chega a um ponto em que as pessoas nem sabem que são desagregadas.

Cidade do poder, dos bons negócios, dos contatos e do trabalho - tudo isto, segundo Paulo Cunha reduz Brasília a um lugar para se tomar porre e jogar baralho:

— A única coisa que caracteriza mesmo as relações sociais de Brasília é o trabalho. As pessoas ficam em contato o tempo todo, mas as relações são formais. E as pessoas não se importam muito de se encontrar. Os bares acabam sendo uma extensão da repartição. Aqui as mesmas pessoas se encontram fora do trabalho e não se fala em outra coisa a não ser no trabalho. As pessoas não têm nada a oferecer às outras, a não ser isto.

Paulo Cunha argumenta que o Rio de Janeiro também era capital do poder mas tinha o seu samba, o seu futebol, a sua praia:

— Nunca a ação do poder foi tão concentrada como em Brasília; nunca o poder foi tão absoluto numa cidade. Aqui ninguém escapa destas relações com o poder. Só que não existe o contraste de outras capitais do poder. E a maioria participa dos efeitos do poder, mas poucos participam das decisões do poder. Eu só vejo uma esperança de mudança neste panorama de desestímulos ao agregar-se nos jovens que estão nascendo junto com a cidade e que têm uma necessidade natural de se relacionar com o outro.

Mais uma peça deste quebra-cabeça de análise da solidão de Brasília: o chamado "Disque-Amizade", um serviço especial criado pela Telebrasil com o objetivo de facilitar o contato entre os brasilienses. O repórter liga o número indicado: 145. Uma operadora da Telebrasil vai colocando as pessoas no ar. Geralmente, três ou quatro de cada vez. Quando só dá um homem com homem, negocia: "Quem é? Hein, Alberto? Falô cara, vou dar um giro pra ver se pinta uma mina!". Muitos se apresentam com pseudônimos: "Moranguinho", "Sapatinha", o "Fino que Satisfaz" ou mesmo a "Princesa do Lago". Os papos são geralmente rápidos e objetivos: "Aqui é Paulo, Taguatinga Norte. Você podia fornecer seu telefone pra que a gente conversasse mais tranqüilo...". Márcia, uma das usuárias do "Disque-Amizade", diz

que o serviço da Telebrasil é ótimo: através dele conheceu muita gente legal. Eles chegam até a organizar encontros do "Disque-Amizade" em Taguatinga.

Outra peça para o quebra-cabeça da solidão de Brasília: é uma cidade feita por gênios e para gênios e não para cidadãos normais - diz o estudante de arquitetura, Antonio Soares, 26 anos:

— Eu acho que Brasília é uma cidade/solidão porque foi criada por um gênio. Tanto que só pode ser habitada por gênios. Quem não for gênio está deslocado em Brasília. É uma cidade de guetos, não permite a troca de experiência entre pessoas diferentes, que é o quente do relacionamento humano. Não sou eu que estou falando isto; são duzentas e cinqüenta mil passagens em qualquer feriado longo.

O que a solidão de Brasília tem que a solidão de outras cidades não tem? Wilma Velasques já morou em outros grandes centros urbanos, tais como o Rio e São Paulo, e acha que não existe diferença substancial. Detalhe: ela não trabalha fora de casa:

— Eu acho isto uma besteira: achar que a solidão de Brasília é diferente de qualquer outra. Solidão é solidão em qualquer parte. O que exist talvez, é menos opções de diversão. A solidão também não pode ser medida por opções de lazer. Você pode estar no meio de uma multidão e se sentir só. Eu vim a Brasília em busca do contrário do que existe nos grandes centros urbanos, e encontrei. Corta essa!

Portilho, um dos plantonistas do "Centro de Valorização da Vida" - uma organização constituída por voluntários, que tem por objetivo, principalmente, a prevenção do suicídio, indica uma série de causas para solidão aguda, colhidas em sua experiência direta, através de uma central telefônica, em contatos onde é mantido o sigilo absoluto em torno dos nomes e das situações vividas pelos que procuram o número do Centro:

— A maioria das pessoas que nos procuram é formada pelos que vêm a Brasília em busca de emprego e não têm familiares aqui. Mas existem pessoas que sentem solidão mesmo dentro das famílias. Pessoas que moram em pensões ou repúblicas nos procuram bastante. O fim de semana é uma coisa muito difícil de se passar em Brasília. É quando a solidão se agrava. Tem gente que toma tranqüilizantes para dormir o tempo todo e não ner o fim de semana passar.

E, para o psicanalista Humberto Haydt, falar sobre solidão em Brasília é falta de assunto, o que não tira a possibilidade de estar se falando de alguma coisa:

— De tempos em tempos, publica-se em Brasília alguma coisa sobre o espaço de impressões que pode ser intitulado Brasília-solidão-depressão, espaço em que psiquiatras, psicólogos e psicanalistas são convidados a pôr em prática o que eu chamo de suas capacidades delirantes para a articulação de respostas que, de fato, não podem dar. De que que está será uma área para especialmente sociólogos e urbanistas opinarem - caso dis-

O brasiliense não é incitado a agregar-se? E não se importa muito de se encontrar?

ponham de uma parafernália metodológica adequada à questão. A pergunta é específica. Refere-se a Brasília, como ambiente, causadora ou propiciadora de peculiares sofrimentos. Caso alguma das áreas "psi" se baseie nos relatos de seus clientes, terá duas alternativas para a prática do equívoco: ou o relato menciona Brasília como objeto de uma projeção, e isto não inocenta a cidade; ou o relato comporta uma denúncia, o que não elimina o caráter projetivo do relatar.

Humberto entende que, de qualquer maneira, o número de relatos não formará universo significativo para qualquer afirmação confiável:

— Acho melhor a gente continuar na dúvida, apenas tendo em mente que existe esta suspeita na impressão corrente, e que ela não deve ter se formado no vácuo. Só para atrapalhar mais um pouco, lembro que os cariocas, e principalmente funcionários públicos lacerdistas, que vieram à força para a cidade e que aqui sentiram falta das praias e esquinas, foram os primeiros a lançar sobre esta cidade a responsabilidade de sua intolerância ao novo. Tenho observado, como pessoa desta cidade, que falar sobre este assunto já é um sintoma dos jornais que se encaixa perfeitamente com o gostor de ler sobre isto - o sintoma do leitor daqui. Por favor, chamem um entendido em fatos de coletividade!